

# Mondlane que eu conheci

Por Gabriel Simbine

Conheci Eduardo Mondlane pela primeira vez quando ele foi tirar um curso de agricultura do sequeiro na então Missão de Cambine, na província de Inhambane. Na altura eu era um rapazote do internato, muito mais novo que ele.

Como Mondlane gostava muito de cantar, ele foi encontrar em Cambine vários grupos corais de jovens. Pegou num deles e ensinou-lhe a cantar a história musicada da apóia do sol e do vento em xangana. Como nesta língua do sul de Moçambique a tempestade chama-se "xizdedze", a rapaziada de Cambine alcunhou-o de "xizdedze" (tempestade).

Anos depois voltei a ver Mondlane assim de raspão na então cidade de Lourenço Marques. Em 1951, se a memória não me atraiça, vi "xizdedze" no Khovo a preparar-se para partir para Lisboa, onde iria continuar os seus estudos depois da expulsão e interrupção da sua carreira estudantil na Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo logo após a vitória eleitoral do partido nacionalista chefiado por Daniel Malan em 1948. É este partido que o ANC de Nelson Mandela desalojou nas eleições de Abril de 1994.

Não me lembro quanto tempo "xizdedze" ficou em Portugal a estudar. Sei que não ficou muito tempo e como bolseiro de uma fundação americana, ele conseguiu transferir sua bolsa para os EUA onde foi matricular-se em Oberlin College, no Estado de Ohio. Depois de Oberlin, "xizdedze" foi estudar em Northwestern (Universidade) em Evanston, Illinois, perto de Chicago. Aqui os seus estudos terminaram com o doutoramento em Antropologia e Sociologia.

Passou um bom número de anos até que em 1960, fui encontrar "xizdedze" de novo em Nova Iorque quando visitei aquele país norte-americano em missão de serviço da Igreja Metodista Unida. Em 1960 "xizdedze" era já funcionário da ONU, casado e pai de três filhos.

Para "xizdedze", a formação superior não era o fim. Era apenas um meio, um instrumento de trabalho para se engajar no maior projecto da sua vida: Lutar por Moçambique. Conceber um projecto e transformá-lo em acção concreta foi o que "xizdedze" conseguiu quando os outros nacionalistas moçambicanos que o antecederam fracassaram.

Estamos no ano de 1994, ano das primeiras eleições multipartidárias em que aparecem candidaturas para as presidenciais e legislativas. Alguns candidatos entenderam como política dar a conhecer aos moçambicanos e ao mundo que os verdadeiros assassinos de Mondlane, foram os marxistas-leninistas moçambicanos e que os resultados do inquérito feito pelos moçambicanos da Frelimo, pela segurança tanzaniana e pela Interpol, eram falsos.

Segundo a versão desses candidatos à Presidência da República, a bomba que vitimou "xizdedze" não foi obra da PIDE mas sim de moçambicanos defensores da linha dura sob orientação de Moscovo.

Os entendidos na matéria, não só apontam moçambicanos como responsáveis pelo assassinato de Mondlane, como também os angolanos pela morte de Agostinho Neto e guineenses pela morte de Amílcar Cabral.

Convém fazer lembrar aos senhores leitores que na história contemporânea das guerras de libertação nacional no Terceiro Mundo, as ex-colónias portuguesas é que perderam os seus dirigentes libertadores: Mondlane de Moçambique, Neto de Angola e Amílcar Cabral da Guiné Bissau. Mas os candidatos à Ponta Vermelha dizem que as mortes destes libertadores dos seus povos foram planeadas e executadas pelos dissidentes. A mão de Lisboa, nunca. Só falta liber a PIDE pelos assassinatos de Humberto Delgado e de Zedequias Manganhela, pastor presbiteriano assassinado na prisão, e a PIDE a acompanhar de perto toda a cerimónia e o cortejo fúnebre,

para a família de Manganhela não poder abrir a urna para dele se despedir.

Os britânicos não assassinaram os libertadores das suas ex-colónias. Se a cadeia não resolvesse o problema da luta pela independência, os britânicos acabaram por abrir as portas para deixar sair Kwame Nkrumah, Kamuzu Banda, Joshua Nkomo, Robert Mugabe, Jomo Kenyatta, Mahatma Gandhi, etc..

Voltemos a Mondlane. Já em 1960 "xizdedze" havia decidido o que fazer da sua vida, qual seria o projecto em que empregaria melhor os seus talentos e conhecimentos.

Durante a minha primeira estada nos EUA, de Abril a Agosto de 1960 e, sempre que estivesse em Nova York, visitava "xizdedze" no seu gabinete de trabalho no 33º andar da sede da ONU e passava o fim-de-semana em sua casa com a família.

Eu, de entre muitos compatriotas, tive o privilégio de ouvir da boca de "xizdedze", o seu plano de abandonar a ONU para se engajar na luta de libertação da pátria. Os locais da conversa sobre este assunto foram três: gabinete de trabalho, no carro a caminho do serviço e na sua própria residência.

Na década de 60 não havia muitos moçambicanos a estudar nos EUA e os poucos que lá se encontravam não tinham notícias frescas sobre Moçambique, de onde haviam saído muitos anos antes. Eu vinha directamente de Moçambique, pelo que trazia comigo notícias e informações de actualidade. Em Agosto de 1960 regresssei a Moçambique já com conhecimento de que "xizdedze" viria a casa de férias em 1961.

Ele pediu-me opinião sobre a possibilidade de trazer a família e eu lhe disse que podia visitar Moçambique desde que fosse portador de um passaporte internacional da ONU e que o governo colonial português não o tocaria.

Foi então que "xizdedze" mandou a família para Moçambique enquanto ele cumpria a missão de representar a ONU nos

Camarões.

Quando "xizdedze" visita Moçambique em 1961 já tinha decidido o que fazer da sua vida. Foi necessário e importante visitar o país não só para ver a família e amigos, mas sobretudo para conhecer de perto a situação política para melhor traçar o plano do início da luta.

"Xizdedze" pertence ao período que profundamente marcou o continente africano, período caracterizado pelas lutas contra e pelas vitórias sobre o sistema colonial. Referimo-nos à década de 60, década sessentista em que sobressaíram lutadores de liberdade, tais como Jomo Kenyatta e Nelson Mandela, só para dar alguns exemplos. Quando "xizdedze" fundou a Frelimo em 1962, Nelson Mandela e Oliver Tambo encontravam-se no exílio na Etiópia.

"Xizdedze" decidiu enveredar por um caminho que exigia grandes sacrifícios e privações até ao ponto de perigar a própria vida, facto que acabou por acontecer no dia 3 de Fevereiro de 1969.

Foi uma decisão consciente e cheia de riscos, mas necessária e oportuna. Talvez na década de 60 Moçambique não tivesse outro filho capaz de congregar os moçambicanos em torno do ideal: Lutar por Moçambique. "Xizdedze" tinha a vantagem de conhecer bem o mundo colonizado em que estava inserido o seu Moçambique. De igual modo, conhecia também o mundo ocidental onde se formou. Como funcionário da ONU lidou com todo o mundo.

Quando deixa a ONU, passando pela Universidade de Syracuse, a caminho de Dar-es-Salaam para criar a Frelimo, "xizdedze" sabia com que podia contar e que forças estavam contra o seu projecto de libertar a terra e os homens.

Quantos Presidentes da Tanzânia, Julius Nyerere, havia prometido a "xizdedze" fazer do seu país uma retaguarda segura da luta por Moçambique. O governo da então TANU, não só disponibilizou o terreno para as bases da guerrilha como também colocou a Rádio Tan-

zania ao serviço dos combatentes. Foi através da emissora da rádio deste país que os moçambicanos ouviram as notícias sobre o desencadeamento da luta armada e os portugueses ouviram, pela primeira vez, que eles eram estrangeiros em Moçambique. Estava traçada a linha divisória: dum lado os moçambicanos e do outro os portugueses.

"Xizdedze" não viveu para ver a vitória final do seu movimento nacionalista. Morreu o arquitecto, mas sobreviveu a arquitectura. Morreu o projectista mas sobreviveu o projecto. "Xizdedze" teve o mérito de ter sido o primeiro nacionalista a conseguir fazer triunfar o seu projecto. O lugar de primeiro tem o mérito de ninguém poder vir a ocupá-lo. Nenhum outro moçambicano poderá vir a ocupar o lugar de Mondlane. Moçambique vai produzir quadros e dirigentes capazes e talvez melhores que "xizdedze", mas ninguém poderá ocupar o seu lugar na história da luta de libertação de Moçambique.

Alguns dirigentes dos partidos emergentes na cena política nacional moçambicana, tentam elevar os seus heróis ao nível de Mondlane. Alguns deles até chegaram a boicotar as cerimónias do 3 de Fevereiro, por não considerarem "xizdedze" herói nacional. É melhor não confundirmos

heróis partidários com heróis nacionais. Mondlane, por aquilo que fez, ultrapassa as barreiras e limites de partido para ser um herói nacional no verdadeiro sentido da palavra. Não se pode, porque não se deve, comparar Mondlane a André Matsangaissa.

Podemos discutir e alterar a Constituição, podemos mudar ou alterar a música e letra do hino nacional, podemos mudar as cores e o significado da bandeira nacional, podemos extinguir alguns serviços e criar outros e os ocupantes de cargos por nomeação e por eleição podem ser demitidos, exonerados e substituídos.

Mondlane não é herói do partido Frelimo, seus quadros e militantes. "Xizdedze" é herói de todos os moçambicanos, independentemente da sua filiação política ou religiosa.

Temos de aprender a fazer política com um certo nível intelectual e uma certa dose de seriedade. Não procuremos ganhar votos tentando provar aquilo que não podemos provar. Os que se intitulam conhecedores dos verdadeiros assassinos de Mondlane, não têm sequer matéria para prová-lo. Não estavam em Dar-es-Salaam e tão pouco em Moçambique em 1969.

O que interessa ao povo moçambicano em 1994 é ouvir da oposição as alternativas de governação do país. ■